

NOSSA CAPA



JOSÉ PANCETTI NA MARINHA*

MAX JUSTO GUEDES
Contra-Almirante

“Se pudesse recomeçar a vida, seria novamente marinheiro.” Afirmação de Pancetti a João Condé, para os *Arquivos Implacáveis*, dois anos antes de falecer.

Havia 13 anos que fora reformado pela Marinha. A tuberculose impedira-o de voltar ao Serviço Ativo. Não mais podendo viver no mar, viveria junto dele. Seria o grande tema de sua pintura. Com sua arte, com o poder de síntese que Deus lhe dera, lança-lo-ia nas telas. O mar, a todas as horas, com variadas luzes, sereno ou encapelado, azul, verde ou cinza.

Verdade é que navios, portos, arsenais, sempre atraíram o pintor Pancetti. Mas não eram uma obsessão. Misturavam-se aos retratos (e auto-retratos) naturezas-mortas e paisagens. Talvez, pela facilidade, por estarem junto ao seu ambiente de traba-

lho, fossem em maior número. A fixação veio depois. Veio quando a carreira amada foi, de golpe, cortada. Nascera em Campinas, longe do mar. A revelação veio-lhe ao ser levado para a Itália, aos dez anos.

Nos Salesianos, aluno interno, a doce lembrança eram os dias saudosos da travessia oceânica. Resistiu quatro anos. Depois, alistou-se na tripulação de um veleiro. No *Maria-Rosa* cruzou de Gênova para Port-Said.

Um ano inteiro, navegou no Mediterrâneo. Era um menino de 14 anos. A Europa estava conflagrada.

Com 17 anos, estava sem emprego. O Armistício fora assinado, as perspectivas eram sombrias. Perambulou pelo cais algum tempo. Saudades do Brasil. Pouco depois, repatriava-o o nosso serviço consular. Santos,

* N.R.: Transcrição do livro *Pancetti – o pintor marinheiro* de José Roberto Teixeira Leite, Fundação Conquista, Rio de Janeiro, 1979.



Guarujá, tentativas de fixação. Nada lhe agrada. O micróbio do mar atacará-o mesmo.

Em 9 de março de 1922 alista-se, voluntário, na Marinha de Guerra. Dois meses de aprendizado em Villegagnon.

O Quartel Central de Marinheiros parecia-lhe monótono. Queria logo voltar para o mar, o *seu* mar.

Dezenove de maio. O primeiro embarque. Coração aos saltos, sobre o portaló do CT *Paraná*. No cinza esverdeado do costado, o indicativo nº 8. Mário Spindola, o comandante. Que limpeza, como brilhavam os amarelos. Embora em ação há 12 anos, parecia saído dos estaleiros Yarrow. Ainda fazia bem os seus 27 nós!

Logo ao dia seguinte, a primeira comissão: eram os habituais exercícios na Ilha Grande. Dez dias gozando o espetáculo daquela natureza ímpar.

O encontro do mar com a floresta, a montanha terminando na areia da praia. Verdes de todos os tons, azuis, ocres, terras, vermelhos misturando-se. Que impacto para o rapazinho recém-chegado da Europa.

Teria surgido ali a vocação para a pintura? Não, a poesia foi a primeira tentativa de expressão. Depois, Cabo Frio, Guarapari, Abrolhos. Tão perto e tão diferente. Que luz. Que azuis. Era o Ano do Centenário. Festas inesquecíveis, a Marinha na primeira linha das comemorações. A Guanabara repleta de navios estrangeiros. Os uniformes azuis, tão semelhantes, a marujada tão diferente. Que babel de línguas. Mas os homens do mar sempre se compreendem. E Pancetti falava o italiano...

Salvas, hinos, paradas. Pancetti desfila. Que garbo, que orgulho sente, quanta vi-

bração ao receber os aplausos da multidão que se comprimia na Avenida. Era o Sete de Setembro. O primeiro elogio. Veio do próprio Presidente Epitácio, informava o Ministro Veiga Miranda, determinando que constasse em Ordem do Dia.

Maio de 1923. Saco e maca às costas, transfere-se o nosso grumete para outro navio. Desta vez, embarca no orgulho da Marinha, o gigantesco Encouraçado *São Paulo*. Vasto programa de exercícios em andamento. Até agosto, sempre no mar. Folgas, poucas, muito poucas. Compensação? A beleza das paisagens. Angra, Ilha Grande, São Sebastião, Vila Bela. Já desenharia Pancetti tudo aquilo? Ele nada nos

diz nos seus registros. Ribeiro Júnior e Nunes de Souza, os dois primeiros comandantes, homens rigorosos, escasso tempo deixariam para isso. Mas as canseiras estavam sobejamente compensadas. Veio a primeira promoção. Em 26 de junho, prende à manga as divisas de

Marinheiro de Segunda Classe. Só as plaquetas do oficialato emocioná-lo-iam tanto.

O ano de 1924 foi conturbado. Era o período presidencial de Bernardes; em breve estouraria a Revolução.

O colosso não se afasta do fundeadouro. Felizmente, nova mudança de comissão. O *Minas Gerais*, irmão gêmeo, é o próximo destino. Voltam as alegrias das viagens. Os bate-papos da proa, à tardinha, banho tomado. O doce embalo da maca enquanto o gigante corta as águas na noite escura, levantando brancos bigodes. Carlos Frederico de Noronha, o seguro comandante.

O navio estava como novo. Modernizara-se em Brooklyn fazia pouco. Mais de um

O HOMEM

“Em Pancetti, o homem é mais conhecido do que o pintor.”

Odorico Tavares, 1955

ano de reparos. De volta à Ilha Grande, em repetidas idas e vindas. Em julho, o batismo de fogo. Mas seria em terra.

Aos 5, suspende o *Minas* para Santos. Pancetti é um dos 500 homens da Força de Desembarque. Marcha para São Paulo, a enfrentar a Força Pública e parte da Guarnição Federal rebeldes.

A 27, os rebeldes evacuam a capital paulista. Não era sem tempo! Ali tão perto de Campinas, combatendo os conterrâneos. Fora agora e seria sempre um legalista. Entre as coisas que detestava, nunca deixava de incluir revoluções e guerras.

No Rio permanece o *Minas Gerais* até receber dolorosa missão: caçar o seu irmão, o *São Paulo*.

Em 4 de novembro revoltara-se a guarnição do encouraçado. Chefiam-na uns jovens oficiais. Saem à barra atirando. Infrutíferas as buscas neste dia. Alexandrino de Alencar, o Ministro, chefia, em pessoa, as operações. Havia embarcado no *Minas*, sob pesada fuzilaria do *São Paulo* que suspendia. Volta ao porto, mas faz-se ao mar no dia seguinte, já abastecido. Entra em vários fundeadouros. Em vão: o "inimigo" alcançara Montevideú. Alexandrino passa ao Cruzador *Barroso* e determina a ida do *Minas* à capital uruguaia. Melancólica a primeira viagem de Pancetti ao estrangeiro. Dia 13, o fundeio em Maldonado. A 15 estava de volta, nas águas do *São Paulo*. Asilados os rebeldes, o navio fora devolvido ao nosso representante diplomático. Adalberto Guimarães Bastos, então Capitão-de-Fragata, assumiu o comando, suspendendo a seguir. Via Santa Catarina, voltam ao Rio. Novo elogio nominal nos assentamentos de Pancetti. Emanado também do próprio Presidente. Faz referência ao "exemplo edificante de disciplina e nítida compreensão do dever" demonstrados.

Monótono o ano de 1925! Quase todo ele, passou o *Minas* amarrado à bóia. Uns

poucos exercícios no fim do ano, Ilha Grande, Vila Bela, pequena estadia em Santos. Agora sim, houve a folga prevista. Tímidos ensaios com pincéis e tintas. As primeiras manchas. Marinhas, naturalmente. Seriam o princípio e o fim. Alfa e ômega de uma predestinação. Achou que tinha jeito, embora sentindo a falta de técnica. O desenho não era mau, o colorido agradável. Os oficiais pedem-lhe que retrate o seu navio. Vários *Minas Gerais*, sabe-se, foram feitos então. Por onde andarão hoje? Em 1961 busquei-os em vão. Apenas uma pequena marinha, propriedade do Almirante Alfredo Salomé Silva. Se bem me recordo, datada de 1927.

No início de 1926, houve necessidade de especializar-se. Artilheiro? Maquinista? Torpedista? Nada disso! Pintor nas horas de lazer, por que não na profissão? Ingressa Pancetti na Companhia de Praticantes Especialistas de Convés, no quadro de Pintores. Se não pode dar asas à imaginação, ao menos as ferramentas já lhe são familiares.

Parece-lhe cansativo o primeiro semestre. Apenas uma comissão maior. Santa Catarina novamente. A velha fortaleza de Anhatomirim, bela, a emergir da folhagem luxuriante. Florianópolis, só de lancha, depois de bom estirão. Mas valia a pena, tão bonito o trajeto. Em junho, de repente, a surpresa magnífica. Embarca numa tarde, na outra faz-se ao mar. Agora, era o Cruzador *Bahia*, o seu barco. Saía de cuidados reparos efetuados pela Casa Lage, estava lindo. O destino? Filadélfia, participação na grande exposição comemorativa do sesquicentenário da Independência do país irmão.

No passadiço, Dário Paes Leme de Castro ordena "máquinas adiante". Finalmente, o rumo é Norte.

Desde que entrara para a Marinha, não ultrapassara os Abrolhos. Logo ele, Pancetti, que amava luz e cores, gostava tanto do sol, do casario antigo e, muito especialmente, das belas morenas.

Recife, agradável. Olinda branqueando perto, velas, jangadas, torres de igrejas, o verde do mar, uma constante. Logo depois, a travessia do Equador. Diz-se veterano. Não viajara à Europa? Nada disto! É calouro como os outros. Onde está o diploma assinado pelo seu comandante? A única concessão: seria barbeiro nas brincadeiras. Não era entendido em pincéis...

Port-of-Spain, as *Bocas del Drago*, que Colombo batizara. Também ele ia descobrir a América. Foi tranqüila a travessia do Caribe dos tufões famosos. Depois, Delaware Bay, a emocionante subida do Rio Delaware, Wilmington, Filadélfia. Camden em frente.

A nação do norte em euforia (1929 ainda estava longe). O que viu jamais Pancetti es-

queceria. Aprendeu a abominar a miséria, a falta de conforto, a ociosidade, a que sempre fora avesso. O sonho termina. No regresso, as belezas de Havana. Também ali, as belas morenas. Porto Rico, Belém, o impacto das águas. Pareceu-lhe de-

masiado grandioso o espetáculo. Era mais do que podiam os seus pincéis. Recife novamente, depois Salvador. Um amor à primeira vista. Seria a sua cidade. Reunira tudo o que sonhava para suas telas. Haveria de voltar. No Rio de Janeiro fundeia o *Bahia* em 6 de setembro de 1926. O desempenho fora verdadeiramente excepcional.

Daf, o elogio nominal a toda a guarnição. Mais um galardão na Caderneta de Pancetti. Dois meses depois, a primeira comissão em terra. O marujo estava cansado. Duros anos de prontidões e tensão haviam-no emagrecido. No Quartel Central de Marinheiros teria o necessário descanso. Mesmo assim, várias vezes baixa ao

Hospital, por períodos prolongados. No último, nada menos de três meses esteve de cama.

No final de 1928 acha que já pode voltar ao mar. É com renovado orgulho que tem na manga as divisas de cabo-de-esquadra. Recebera-as no Hospital Central da Marinha, única alegria naquele sofrido ano. De todas as promoções, a acolhida com mais entusiasmo. Já primeiro-sargento, em 1945, retratou-se, nostálgico, de blusa e chapéu (com fita do Cruzador *Rio Grande do Sul*). No braço, as três listras vermelhas.

Em outubro, embarca no Encouraçado *São Paulo*. Mas por pouco tempo. A saúde leva-o de volta ao Quartel de Marinheiros. Também o ano seguinte seria cortado por baixas ao hospital.

Logo que pode, procura um navio. No Tender *Ceará* está Benjamim Goulart.

Curta a permanência a bordo. Há necessidade de fazer o Curso de Especialização. A Escola de Auxiliares Especialistas recebeu-o. É uma das Escolas

Profissionais. Parte do curso é feita no Cruzador-Auxiliar *José Bonifácio*. Útil até o fim o antigo iate presidencial.

É interessante o exame do currículo: Tintas e sua composição. Cores e combinações. Ferramentas para pintar a água, a óleo e a verniz. Utilização delas. Preparo de superfícies. Métodos de pintura adotados na Marinha.

Pancetti estuda e trabalha com afinco. Sente-se bem ali. Mesmo perdendo mais de um mês por doença, o resultado é excepcional. Conclui o curso com distinção, aprovado com grau 10. Muito depois, afirmaria que pintara costados com o mesmo amor que dedicava aos quadros. Antecipando-se ao

A ARTE

“Un gran pintor de corazón puro.”

Pablo Neruda, 1945



O HOMEM, O ARTISTA, E O MARINHEIRO

Casamento com
Anita (1935)

Filhos: Nilma e
Luiz Carlos

C. Bahia (1932)

Campo de Santana
(1933)

MN de 2ª classe
(1924)



diploma, a promoção a terceiro-sargento. Usando dolmã e especializado, volta ao Cruzador *Bahia*, de tantas recordações. João Francisco de Azevedo Milanez, Capitão-de-Fragata, estava no comando. Pouco depois, transfere-o ao ilustre Lucas Alexandre Boiteux, grande historiador. Sob o timão seguro deste culto oficial, faz algumas comissões. Em São Paulo, estoura a Revolução Constitucionalista. Navega o *Bahia* para Santos, encarregado do bloqueio do porto. Arrasta-se aquele meio-ano.

Felizmente, há as belezas de Vila Bela e Angra para amenizá-lo. São Sebastião e Ilha Grande são temas magníficos para suas telas.

Muito pinta, mas não se satisfaz. Percebe que os meios técnicos são acanhados. Julga-se canhestro, desgosta-se. Necessidade de aprendizado regular. Como conse-

gui-lo, se viaja tanto? Os paulistas depõem as armas. De volta ao Rio de Janeiro, a fortuna sorri a Pancetti. É mandado servir no Quartel do Corpo de Fuzileiros Navais. Da velha (e tão descaracterizada) Fortaleza de São José ao centro da cidade é um pulo. Matricula-se no Núcleo

Bernardelli da Escola Nacional de Belas Artes. Aluno de Bruno Lechowsky. São notáveis os progressos. Novos horizontes parecem surgir.

Em maio, outra promoção. Agora é segundo-sargento. A carreira segue rápida, mercê de seus esforços, sua inteligência, seu amor à ordem. Por isso, recebe novo elogio. Pedido do delegado de Nova Friburgo.

Pancetti serve no Sanatório Naval. Comandando vários companheiros, põe término a distúrbios na cidade. A ordem com

que esquematiza seus quadros, deseja-a na vida pública.

No início de 1934, volta a embarcar. De novo, o *Minas Gerais*. Desta vez, nada de viagens. O gigante estava adormecido. Arrastavam-se os reparos que sofria. As perturbações políticas refletiam-se perigosamente na Marinha.

Não foi longo o desapontamento do sargento-pintor. Na Inglaterra aprontava-se o novo Navio-Escola. Substituiria o saudoso *Benjamin Constant*, de tantos serviços à Marinha. A construção correria rápida. O contrato fora assinado em janeiro de 1933, quando recebeu nome: *Almirante Saldanha*. Seria a forja da nova geração, aquela que enfrentaria a dura Guerra Mundial. Sílvio de Noronha é nomeado seu primeiro comandante. Fiscaliza a conclusão da

obra e prepara o embarque da guarnição e dos guardas-marinha.

No Rio, um só desejo em todos corações marinheiros: trazer à Pátria o novo *Cisne Branco*. Pancetti está entre os selecionados. É justa a escolha. Na Pintura e na Marinha, o prêmio aos melhores é a Viagem ao Estrangeiro.

Em 30 de maio de 1934 embarca no *Siqueira Campos*, do Lloyd Brasileiro. No mesmo navio, os 40 guardas-marinha, 16 segundos-tenentes e quatro acadêmicos que farão a primeira viagem.

Vinte e quatro dias de travessia. Dias tranquilos. A delícia de ser passageiro, quase um turista. Nada de serviços de quarto, faxinas matinais, postos de combate, fainas sucessivas. Tinha Pancetti 30 anos. Já com uma ponta de melancolia recorda a primeira viagem, menino de calças curtas. No final de junho, apresenta-se em Barrow-in-Furness. O navio

A OBRA

“Tudo que pinto é com amor. Só sei pintar com amor.”

José Pancetti

fora entregue a 11 – bela comemoração para Riachuelo – pelos estaleiros Vickers.

A 7 de julho, zarpa da Barrow. A 9, entra em Portsmouth. Cherbourg e Havre são as escalas na França. Enfim, Paris. Há tanto que ver e a escala é curta. Pancetti corre aos museus. Os impressionistas são os preferidos. Van Gogh, o grande impacto. Mais forte na personalidade que na pintura do jovem marujo, viu bem Vera Pacheco Jordão.

Lisboa, Barcelona, Spezia. Que alegria voltar à Itália, depois de 12 anos. Logo ali junto, feliz coincidência, estava Massa. Volta Pancetti aos Salesianos, revê os professores. Tem agora novos olhos para a pátria de seus pais. Pintor moderno, admira os velhos mestres. Também eles foram modernos no seu tempo.

Florença, quanta beleza. Via Las Palmas, regressa o Saldanha ao Brasil, tocando em Fernando de Noronha, Salvador e Vitória.

Ao entrar no Rio – 24 de outubro –, é recebido festivamente. A gigantesca flâmula de *fim de comissão* pança no traquete. Foram 8.800 milhas navegadas. Bom número delas, à vela.

Às alegrias do regresso, outra junta Pancetti: recebe Menção Honrosa no Salão Nacional. O primeiro de uma série de prêmios. A notícia, transmitida ainda em viagem.

Agora, era procurar uma comissão em terra. O marujo aventureiro quer casar. Uma jovem morena da Rua de Santana enfeitara o italiano de Campinas. Em 27 de abril de 1935 casa-se com Anita Caruso.

Em setembro, transferem-se do Centro de Aviação Naval (Ilha das Enxadas) para Angra dos Reis.

A lua-de-mel vinha com algum atraso.

Em Batista das Neves, afinal a tranquilidade para pintar. Instrutor do Curso de Especialização, nas horas de trabalho de tintas e pincéis fala aos alunos. Nas de lazer, pinta também.

A pausa dura seis meses apenas. Não seria um Gauguin. A cidade grande faz-lhe

falta. Também os companheiros do Núcleo Bernardelli, as amáveis conversas nos cafés em voga. Em março de 1936 passa à Escola Almirante Wandenkolk. De volta à Ilha das Enxadas. Em frente, está o Arsenal de Marinha da Ilha das Cobras. É tema frequente neste e nos próximos anos.

Trabalha intenso e progride muito. No Salão, a Medalha de Bronze. Na Marinha, a última divisa!

Em fevereiro de 1937, é primeiro-sargento.

Já não estava mais nas Enxadas. Fora transferido para o Arsenal de Marinha. Ali, intensos eram os trabalhos.

Reativara-se a construção naval no país. A Marinha enchera-se de esperanças desde que se batera a quilha do *Parnaíba*. Foi 11 de junho de 1936 uma data histórica.

Planos de vários navios são desenhados. Primeiro, os mineiros, Classe *Cananéia*. Tão úteis depois, na Guerra. Depois, os Classe *Marcello Dias*.

A especialidade de Pancetti é preciosa. Do Arsenal só se afasta por imposição do regulamento: em março de 1938 é matriculado no Curso de Revisão. Cláusula de acesso às platinas de suboficial. Em dezembro, nota 9, curso concluído. Mais um atestado do seu valor profissional.

Volta ao Encouraçado *São Paulo*. O comandante, Jorge Dodsworth Martins, é seu admirador. Embora de aspecto impecável, o velho navio já não é o mesmo. Sente o peso dos anos. Não faz qualquer comissão. Não está no temperamento de Pancetti embarque sem viagem. Ao cabo de seis meses, perde as esperanças. O navio não iria tão cedo ao mar. Os prêmios de pintura correm paralelos ao sucesso do marinheiro. O tempo é pouco para o muito que tem a transmitir. Trabalha com intensidade crescente.

Também a Marinha acelera o passo. A Europa está às vésperas da guerra. Será difícil ficarmos fora dela.

VIDA DAS ARTES

PANCETTI

MORREU PANCIETTI MORREU PELA PAZ
MORREU PELA PAZ MORREU PELA PAZ

Jose Roberto Teixeira Leite

o maior Brasil, o mais bonito, o mais vivo
do mundo, o mais rico, o mais belo, o mais
caro, o mais amado, o mais querido, o mais
precioso, o mais valioso, o mais precioso,
o mais valioso, o mais precioso, o mais
precioso, o mais valioso, o mais precioso,
o mais valioso, o mais precioso, o mais
precioso, o mais valioso, o mais precioso,

terça, 12 de Fevereiro de 1988 - 10.000 que não morrem

ITINERARIO DAS ARTES PLASTICAS

JAYME MAURICIO

Morreu Pancetti, o maior paisagista brasileiro

Depois de uma carreira de mais de 40 anos, o maior paisagista brasileiro, José Roberto Teixeira Leite, morreu nesta terça-feira (11), aos 83 anos, no Hospital de

O GLOBO

Arte Ciência Cultura

NÃO QUERIA PERDER UM SO MINUTO DA VIDA QUE FUGIA

Seu filho do primeiro casamento, o filho do Sr. João

1.ª Coluna

PERDE O BRASIL UM DOS SEUS MAIORES ARTISTAS

Faleceu José Pancetti, o Pintor-Marinheiro

TINHA PODER DE VER CERTO AS COISAS E TRANSMITIR A VERDADE

Artista e Paulo Roberto Teixeira Leite, o filho do Sr. João, morreu nesta terça-feira (11), aos 83 anos, no Hospital de

ARTES PLASTICAS

Adeus a Pancetti

MARIO BARATA

Henrique Pancetti

O SHOW DA CIDADE

MAR CAMBIANTE

A PINTURA DE PANCETTI INSPIRA PERDÃO E PAZ

Morreu Pancetti, o pintor-marinheiro



José Pancetti, o grande artista do mar, morreu nesta terça-feira (11), aos 83 anos, no Hospital de

À Beira da Morte, Pancetti Revive os Mares Que Pintou

Artista e Paulo Roberto Teixeira Leite, o filho do Sr. João, morreu nesta terça-feira (11), aos 83 anos, no Hospital de

MORRE JOSÉ PANCETTI

O Arsenal tem que suprir os meios flutuantes indispensáveis. A velha Esquadra de 1910 não mais atende aos modernos princípios da Guerra. Aceleraram-se os trabalhos nos três contratorpedeiros em construção.

Em maio de 1939, Pancetti está de volta ao Arsenal. Seria a última comissão! Nela ficaria até que a pintura o roubasse à Marinha.

Seria a última, mas não seria fácil. Nas carreiras, mal vão ao mar os navios, batem-se novas quilhas. Em 1940, nada menos de seis contratorpedeiros, a Classe *Araguaia* tem início.

Mas a vida de Pancetti começa a seguir novos rumos.

Em 1940 o seu quadro *Oficinas* recebe o Prêmio de Aquisição. A sua hora estava prestes a chegar. Ilha do Viana e Ponta da Areia são pintados em múltiplos ângulos. Desenha sem parar. Barcos e enormes oficinas alternam-se com retratos e naturezas-mortas. A técnica está apurada, e depurada.

No salão de 1941, concorre na Divisão Moderna. O júri atribui-lhe o prêmio de Viagem ao Estrangeiro. Para gozá-lo, é posto à disposição do Departamento do Patrimônio Histórico do Ministério da Educação e Saúde. No dia 1º de de-

zembro de 1941, o desligamento de sua última comissão.

Última comissão? Sim! Jamais voltaria à atividade. A saúde, sempre precária, começava a deteriorar-se. Mais um ano e os pulmões estariam tomados.

Campos do Jordão, 1943 e 1944. Tantos quadros. Tristes uns, um pouco mais risinhos outros. Todos belos, todos melancólicos. A atenção dos melhores fisiologistas. Aloysio de Paula e Edmundo Blundi. Amigos e admiradores do pintor. Aos poucos a saúde lhe vai voltando. Nunca a ponto de satisfazer às rigorosas exigências dos exames da Marinha.

A reforma viria fatalmente. Decreto presidencial de 17 de janeiro de 1946, ao mesmo tempo em que o promove a segundo-tenente, reforma-o. Seis anos depois, ainda em janeiro, faz jus à nova promoção. A partir de então é primeiro-tenente da Marinha brasileira. Vaidoso, deixa-se retratar fardado. No ombro, as platinas do posto. Mas é uma fotografia! Em todos os autos-retratos em que se farda, usa unifor-

me de marinheiro, o seu verdadeiro orgulho. Vestindo-o, desfilava na roca do tempo. Afugentada a velhice detestada, ei-lo de novo jovem marujo. Faces ao vento, fixa os olhos no horizonte. Dali surgirá, um dia, a fama que almeja. Será sua contribuição para glória maior da Marinha que tanto ama.



Marinheiro de 2ª classe

ALGUNS POEMAS DE JOSÉ PANCETTI*

Em cada instante que a chuva desce
regando os campos e abrindo as flores
na primavera;
em cada noite de céu de estrelas
e em cada sol beijando a terra
no verão ardente;
de hora em hora em que o vento sopra
balançando os galhos e derrubando folhas
no triste outono;
em cada céu quando chega o inverno
cobrindo a vida de densas névoas,
amor respiro, de amor eu vivo!
Amor na tarde que vai morrendo
amor na aurora que vem nascendo.

* * *

Vem, oh, moça (?...)
Eu sou o homem das faces encovadas,
do corpo doente e envelhecido, antes do tempo,
na estrada do meu destino.
Sem ter tido infância nem adolescência,
fui nostálgico e amei todas as coisas da minha vida.
Vem debruçar-te sobre os meus ombros, oh, moça!
Meu amor é coisa que não envelheceu ainda.

"Canto de Amor", escrito no álbum de presenças de sua primeira individual, em 1945.

Resalte-se essa "Canção dos Rios", cujo ritmo recorda Casemiro de Abreu, aliás uma das paixões de Pancetti, que lhe dedicou, de resto, em meados da década de 1940, uma de suas "séries" de pinturas mais conhecidas:

CANÇÃO DOS RIOS

São águas das fontes
que descem da serra,
São águas das chuvas
caídas das nuves
jogadas do céu!
São águas correndo
em todos quadrantes,
barrentas ou claras,
serenas ou bravas,
às vezes paradas,
parecem dormir,
parecem sonhar...

São rios que espelham
paisagens que ficam
cidades e aldeias,
montanhas e vales,
planícies sem fim...
São águas correndo,
são águas pulando,
caíndo e rugindo,
criando energias,
criando labor!

* N.R.: Transcrição parcial do livro *Pancetti - o pintor marinheiro*, de José Roberto Teixeira Leite, Fundação Conquista, Rio de Janeiro, 1979.

POEMA QUIETUDE

Arraial do Cabo, 18 de julho de 1948

Amo esta quietude
meu constante isolamento
onde venho só e respiro amor,
Talvez nostálgico do meu passado,
Talvez ansioso dalgum mundo novo,
Sem outros olhos pra me enganar...

Solitário e mudo, talvez feliz,
Amo esta quietude,
Perfume doce que vem do bosque,
Silêncio triste que vem da noite,
Secretas vozes que vêm do mar,
Sem outros olhos pra me enganar...

Nos bosques, às vezes, ou sobre os montes,
Adoro nuvens no azul do céu,
ou ali n'areia ao pé do mar,
Enamoro velas que vão sumindo,
Como vão sumindo os sonhos meus,
Sem outros olhos pra me enganar...

Amo esta quietude.
Silêncio triste que vem da noite,
Secretas vozes que vêm do mar..
Talvez nostálgico do meu passado,
Talvez ansioso dalgum mundo novo,
Sem outros olhos pra me enganar...

Reunidos, os poemas de Pancetti dariam um livrinho talvez de ralo valor literário, mas, seja como for, documento precioso de uma sensibilidade que, expressando-se de modo superior em termos de pintura, sentiu também a necessidade de se externar em versos ingênuos, sim, mas de qualquer forma cheios de lirismo.

**Todo dia é dia de começar!
Nunca é cedo! Nunca é tarde!**

COLEÇÕES E COLECIONADORES*

Quatro cidades – Rio de Janeiro, Salvador, São Paulo e Recife – repartem entre si a imensa maioria dos quadros de Pancetti. As principais coleções são as de Aloísio de Paula, no Rio de Janeiro, Odorico Tavares, em Salvador, e a que pertenceu a Abelardo Rodrigues, em Recife, hoje dispersada entre os seus descendentes. Outros grandes colecionadores são: no Rio de Janeiro, Ialdy Reis dos Santos, Roberto Marinho, David Adler, Gilberto Chateaubriand, Jayme Bastian Pinto e Marcelo Garcia; em Salvador, Genildo Valença; em São Paulo, David Ramos; em Recife, Gino Lucchesi. Os dois filhos de Pancetti, Nilma e Luiz Carlos, ainda conservam numerosos originais.

Muitas coleções pancettianas foram, senão iniciadas, ao menos grandemente incrementadas após 1955, como se pode deduzir da consulta ao livro de anotações em que o artista minuciosamente registrou, daquele ano até pouco antes da morte, todos os quadros que vendia, com nome do adquirente, data e preço da aquisição, num total de cerca de 300 obras, a maioria de execução recente. Assim, Ialdy Reis dos Santos comprou-lhe diversas telas em janeiro de 1955, e uma a 19 de março do mesmo ano; Roberto Marinho comprou uma obra a 9 e outra a 17 de março de 1955, mais duas da série *Abaeté* a 17 de julho de 1957; o nome de Augusto Frederico Schmidt aparece como adquirente a 19 de março (duas telas), 7 de julho (seis), 8 de julho (uma) e 25 de agosto (quatro) de 1957; de uma só feita, a 9 de agosto de 1956, o colecionador Zittelman, da Bahia, teria adquirido nada menos de 27 trabalhos, ao preço total de Cr\$ 160.000,00. Já Aloísio de Paula comprou a Pancetti 11 obras a 6 de julho, e três a 3 de setembro de 1957, por Cr\$ 124.000,0.

O Museu Nacional de Belas Artes, os Museus de Arte Moderna de São Paulo, Belo Horizonte e Salvador, o Museu de Arte Contemporânea de São Paulo e o da Fundação Castro Maya, na Chácara do Céu, no Rio de Janeiro, o Banco da Bahia em Salvador e o Banco do Estado do Rio de Janeiro (ex-BEG), bem como o Museu de *Manchete*, no Rio de Janeiro, os Ministérios da Educação e Cultura e da Marinha, todos possuem originais de Pancetti, também representado em algumas coleções estrangeiras, como o MAM de Nova York, a Coleção IBM da mesma cidade, e o Museu Nacional de Belas Artes de Buenos Aires.

Fora do Brasil, em mãos de particulares, é possível que ainda se encontrem vários originais, adquiridos no atelier do pintor ou de outras fontes. No já mencionado livro de anotações, são comuns referências a compradores estrangeiros, de passagem pelo Brasil.

* N.R.: Transcrição do livro *Pancetti – o pintor marinho*, de José Roberto Teixeira Leite, Fundação Conquista, Rio de Janeiro, 1979.

OS DIÁRIOS DE PANCETTI*
(Extratos selecionados pela RMB)

Quinta-feira, 22 de setembro, 1955 – Saquarema

Cheguei às 12 horas do dia 22 de setembro de 1955 a este bonito e poético lugar conduzido num “jeep” da Marinha de Guerra que o gabinete do Ministro pôs a minha disposição. A Marinha de Guerra a qual tenho a honra de pertencer me empolga ainda mais e me impele ama-la muito mais ainda. Após o almoço o motorista, um jovem fuzileiro naval nordestino conduziu o carro de volta ao Rio. Descansei a tarde e quando me levantei fui observar melhor a paisagem, pois na minha primeira visita aqui o mau tempo não permitiu vê-la tão resplandente e admirável como agora. Após o jantar recolhi-me ao meu quarto. Adormeci cansado das noites de boemia no Rio.

Sexta-feira, 23 de setembro de 1955 – Saquarema

Levantei-me cedo. Preparei minha caixa e cavalete. O proprietário do hotel arranjou-me um rapazola do lugar para carregar meus apetrechos. Às 8:30 fiz-me ao campo e comecei a trabalhar após tantos meses de uma vida de sofrimentos, nostalgia e boemia devido meu caso de amor. No fim deste dia 4 telas dependurei na parede do meu quarto. Às 21h fui dormir, menos cansado do que às noites de vida incerta nas ruas da grande cidade.

Terça-feira, 27 de setembro de 1955 – Saquarema

Acordo cedo. Tomo café e sigo para o trabalho. Trabalhei toda a manhã e a tarde de hoje. Após o jantar vou dormir. Há uma solidão em tudo. Vivo num mundo quieto, isolado.

Quarta-feira, 28 de setembro de 1955 – Saquarema

Acordo, tomo café e sigo para o trabalho. O vento que sopra com violência perturba minha tarefa, mas vou vencendo as dificuldades. A noite recolho-me cedo. Aqui vivo só, não tenho ninguém para conversar.

* N.R.: Transcrição parcial das páginas do livro *Pancetti – o pintor marinheiro*, de José Roberto Teixeira Leite, Fundação Conquista, Rio de Janeiro, 1979.

Rio, Segunda-feira, 3 de outubro de 1955

Hoje é dia das eleições para o novo presidente da República. Acordo cedo e me dirijo a 2ª Zona 45ª Seção (Rua Sant'anna 235). Fui o segundo cidadão da fila. Às 8h entrei na sala e votei nos candidatos do povo – Juscelino e Jango. Passei o resto do dia em casa. A noite fui ver as crianças. Durmo cedo.

Rio, 18 de novembro de 1955, Segunda-feira

Acordei cedo. Tomei um bom banho, mais confortável do que tomava naquela cabana de Itapoã que tanto adorava. Tomei café. A dor no estômago, ora diminui, ora aumenta. Mas só o consolo de estar junto aos meus filhos me reanima. O Luís Carlos veio dormir ao meu lado. Às 15 horas, quando acordamos minha senhora atendeu um telefonema de João Condé. Sempre o primeiro a descobrir minha chegada. Queria saber se podia chegar até em minha casa. Venha logo, Condé. Às 16 horas aparecia ele sempre ávido de notícias, de como ia passando e dos meus trabalhos.

O curioso Condé me crivou de perguntas e quando viu alguns dos meus últimos trabalhos, porque outros estão para vir na bagagem que despachei, ficou quase doido.

Agradei os elogios sinceros do querido amigo. Quando ele se retirou levando alguns bonitos caju para sua garotada eu caí novamente no meu repouso. O prazer da conversa com o querido amigo me cansara bastante. Durante o anoitecer um enfermeiro veio aplicar-me uma injeção. Mais tarde adormeci.

Rio, 5 de dezembro de 1957, (HCM), Quinta-feira

Às sete horas uma enfermeira instalou o aparelho de transfusão no meu braço. O sangue começou a pingar e só terminou às 9 horas. Depois vieram outros medicamentos. Após o almoço recebo uma visita de um velho colega: o pintor Helios Seelinger que decorou, há muitos anos o Clube Naval que o fez conhecido na Marinha de Guerra. Quando o velho pintor e amigo retirou-se o médico veio prevenir-me que amanhã ficarei novamente em jejum pois às 9 horas terei que fazer novas radiografias. Às 16 recebo a grata e honrosa visita de dois velhos e grandes amigos e dos primeiros a colecionar meus quadros no Brasil: o dr. Roberto Marinho e sua exma. esposa d. Stella Goulart Marinho. Não é preciso que eu diga que o dr. Roberto Marinho é o diretor e proprietário do "O Globo", um dos mais modernos e grandes jornais do mundo. Os queridos amigos palestraram longamente comigo sobre arte principalmente. Às 17 horas retiraram-se, deixando-me bastante contente com sua visita. Depois tudo como de costume. À noite, fazia frio peguei logo no sono.

Rio, 9 de dezembro de 1957, (HCM), Segunda-feira

Passei a noite mal, gemendo até o amanhecer. Febre alta. Pela manhã comuniquei ao médico que um remédio que vinha tomando há tempo para essa dor não estava dando resul-

tado, antes me estragando o estômago. Tanto que há muitos dias venho me alimentando só de sucos e chá. Às 14 horas o diretor do H.C.M. entrou acompanhado do meu médico e o ministro almirante Amorim do Vale. Foi, sem dúvida uma honrosa visita desse ilustre oficial de nossa Marinha e grande amigo. Percebi nos olhos, do ex-ministro a tristeza em ver-me neste estado. Logo depois retirou-se. Momentos depois apareceu minha esposa com frutas e limões que eu encomendara. Às 21 horas tomei duas injeções que o médico me receitou para que eu passasse uma noite melhor. Minhas forças estão fugindo, já não fico em pé sozinho. Hoje não pude tomar sangue devido ao meu estado febril.

Rio, 11 de dezembro de 1957, (HCM), Quarta-feira

A transfusão foi novamente adiada devido à febre que não me abandona. À tarde o dr. David Adler fez-me uma visita procurando esse amigo reanimar-me. Em seguida três velhos colegas dos bons tempos de marinheiro já aposentados também como oficial me encheram de alegria com sua visita. Depois veio o velho Lombardi que ultimara a venda de suas antiguidades e agora iria a São Paulo visitar a família. Luis Gutemberg veio também fazer-me mais algumas perguntas. Depois fiquei só, eu e o meu sofrimento.

Rio, 12 de dezembro de 1957, (HCM), Quinta-feira

Amanheci pior. Já não resisto mais. A febre continua. Quando o dr. Evandro Magalhães chegou, já era bem tarde. Disse-lhe para suspender todos os remédios que estava intoxicando cada vez mais meu organismo. Já não sinto mais paladar para nada nem o próprio suco da laranja, a única coisa com que venho me alimentando há nove dias. Depois ele saiu dizendo-me que eu ficaria bom. Já não sou criança e desde 8 anos que venho sofrendo. Agora sei que estou chegando ao fim – mas deve ser um crime deixar-me sofrer. Disse-me que reunira vários médicos e que haviam chegado à conclusão que eu podia tomar sangue mesmo com febre. Às 16 horas foi instalado a transfusão. Darwin Brandão repórter de “Manchete” e “A Noite” veio visitar-me. Quando terminei de tomar sangue – tomei chá apenas. Às 23 horas toquei a campainha e disse a enfermeira que estava morrendo com a dor. Deram-me uma injeção e consegui dormir duas horas.

Rio, 16 de janeiro de 1958, (HCM), Quinta-feira

Transfusão de sangue pela manhã. Visita médica às 11:30h. Tudo o mesmo. Aguardo, minuto por minuto a hora de ser operado novamente. Às 15 h. Nilma e sua mãe. “Estou estudando, papai, para não decepcioná-lo no concurso. Retiraram-se. Às 20h. a injeção. Fiquei pensando na boa irmã Maria. Voz macia cearense. Invariavelmente às 7h. da manhã entra no meu quarto: “Como passou a noite, o que vai querer agora, um cafézinho feito neste instante”. A Irmã Superiora, Catarina, vem de vez em quando. Ajoelha-se diante do meu leito e resa por mim. “Tôdas as noites resamos para o senhor; queremos que volte a pintar. Conversei com Nossa

Senhora e ela me disse que vai sair-se bem na operação". Não há quem resista. As lágrimas escorrem em abundância e o soluço prorrompe alto... São assim as boas irmãs, Santas.

Rio, 18 de janeiro de 1958, (HCM), Sábado

Não consegui tomar sôro pela manhã. Meu estado piora. Estou sofrendo muito. O médico não apareceu. À tarde injeções. Minha esposa e minha filha, que é um amor de menina, vieram consolar-me. À noite, gemendo tomei a injeção.

Rio, 19 de janeiro de 1958, (HCM), Domingo

Hoje consegui tomar sôro. A dor forte me obriga tomar sedativos que me arruinam o estômago. Não me alimento. Não sei da pressão, temperatura, coração, etc. Sei que souro cada vez mais e mais. Às 12 h minha esposa veio só. Fiz revelações sobre meu estado grave. Somos irmãos, eu e ela. A amizade para mim é mil vezes melhor do que o amor, que é sempre efêmero.

Rio, 20 de janeiro de 1958, (HCM), Segunda-feira

Sôro pela manhã. Injeções, visita médica: sempre a mesma coisa. Remédios para acalmar a dor. Eu quero remédios para curar o mal. Mas este não apareceu até hoje, e o mal se agravando com o meu sofrimento impossível de descrever. Às 15 h. Condé ingressou no meu apartamento. Poderia não recebê-lo? Mesmo que ele não fôsse o famoso arquivista adorado pela multidão de fãs. Sua figura, seus modos, seus gestos e sobretudo seus olhos bons de amigo, eu o faria entrar, embora tenha recusado todas as visitas. Meu estado se agrava. Injeção às 20 horas.

Rio, 22 de janeiro de 1958, (HCM), Quarta-feira

Sôro e injeções. Passei muito mal a noite. A inflamação aumentou consideravelmente e já há um ponto vermelho, como um tumor prestes a supurar. Às 14 h pedi ao meu médico assistente para que examinasse a inflamação. "Amanhã trarei aqui o assistente do dr. Barroso para ver se pode fazer uma incisão com anestesia local. A dor deverá diminuir bastante com a saída do pus, enquanto aguardaremos a volta do chefe da cirurgia". Agradei. Desde manhã que eu vinha notando uma azáfama intensa em todo o Hospital. Fui informado de que o Presidente J.K. viria visitar-me entre 16 e 17h. A notícia encheu-me de alegria. Quando o jovem estadista entrou, foi logo puxando uma poltrona para sentar-se bem junto ao meu leito. Recordamos a célebre exposição de Arte Moderna em Belo Horizonte, onde, por incompreensão de alguém, algumas das telas expostas foram cortadas por pequenos talhos produzidos por

lâminas de gilete, talvez. À certa altura, esquecendo-se do sofrimento, disse-lhe: "O senhor, não resta dúvida, é um paladino das liberdades. Aquêlê "sputnik" que lançou sôbre Belo Horizonte – referi-me a Pampulha – foi uma bomba! Um verdadeiro arrôjo! Hoje o Papa abençoa obras de arte religiosas de pintores ou escultores, os mais famosos do mundo". Fêz-me depois o Presidente Juscelino Kubitschek inúmeras perguntas. Vinte minutos de sua atenção, do seu profundo humanismo ao velho e enfêrmo artista, foram mais vinte anos de vida. Ressuscitei hoje. A maior alegria de um homem que sempre viveu no chão, mas certo de ter cumprido sua missão de artista sôbre a terra. Quando fiquei só, pensei na figura do maior "Presidente de todos os tempos".

Rio, 3 de fevereiro de 1958, (HCM), Segunda-feira

Acordei fraco, cambaleante. Quando o efeito da injeção principia a sair é que eu volto ao meu estado normal – parece-me estar exalando os últimos suspiros. Às 8h tomei sangue. Reanimei-me um pouco. Às 10h minha esposa veio trazer-me um artigo de Mário Pedrosa publicado no "Jornal do Brasil" (14-1-58). Tratando-se de uma figura intelectual das mais sólidas que eu conheço, principalmente em artes plásticas e literárias, no que se refere arte, mandei procurar êsse jornal cuja informação me fôra dada pelo Odorico Tavares quando aqui estêve. Às 13:40 o dr. Hélio entrou acompanhado do cirurgião, dr. Geraldo Barroso, que se encontrava em férias. Examinou meu estado, mandou que a enfermeira retirasse o curativo da incisão feita há dias e me disse: "amanhã virei aqui e eu mesmo farei o curativo: Abrirei um pouco mais esta incisão para drenar bem a secreção que ainda resta af. Você vai ficar bom". – Quando o dr. Barroso saiu, não sei explicar porque, é esta a segunda vez, que me senti alegre, reanimado. Às 14h adormeci e pela primeira vez, depois que aqui cheguei, eu dormi horas e mais horas. Quando despertei por pancadinhas na porta já eram 19:30. Era a boa e meiga irmã Maria que vinha dar-me o chá. E eu estava crente que já era de manhã, bem cedo.

Rio, 5 de fevereiro de 1958, (HCM), Quarta-feira

Tendo dormido a noite inteira, após a operação admirável de ontem que eu não vi nem posso descrever os detalhes; que são exclusivamente do meu já querido cirurgião. Tomei sôro. O dr. Enéas Duarte, Capitão-de-Corveta, médico chefe da clínica de cardiologia, apareceu no meu quarto perguntando como ia passando; melhor, respondi-lhe. Êle já havia examinado a uns 15 dias atrás meu coração, declarando que a inchação dos pés não dependiam disso. Depois retirou-se. À tarde minha espôsa veio trazer-me laranjas e a notícia que o menino foi matriculado no Instituto de Educação. À tarde, conforme me prometera ontem, o dr. Barroso veio pessoalmente fazer o curativo e colocar novas sondas. À noite repousei bastante.